

# A história se repete

*Pesquisadores americanos e brasileiros revivem a expedição que Roosevelt e Rondon fizeram à Floresta Amazônica em 1914*

**N**um tempo em que a presença do homem branco na Amazônia era quase imperceptível, o ex-presidente americano Theodore Roosevelt e o então coronel Cândido Mariano Rondon embrenharam-se na mata durante dois meses para catalogar espécies da flora e da fauna na região. A histórica expedição Roosevelt aconteceu

nos últimos 78 anos. As descobertas da expedição, cujo participante mais ilustre é Tweed Roosevelt, bisneto do presidente americano, serão apresentadas na Conferência Rio 92 — a reunião de líderes do planeta que vai estabelecer novos tratados para a defesa do meio ambiente. “Estamos mais interessados nos aspectos históricos

res da missão, Elisabeth McKnight e Charles Haskell, são ecologistas da National Wildlife Federation. Um médico e um escritor também acompanham a viagem. O restante do grupo são os carregadores de piano: quatro remadores, dois fotógrafos, um técnico em comunicações e um operador de vídeo. Como os tempos são outros, a nova expedição vai seguir a cartilha politicamente correta. Os pesquisadores se arrepiam com a hipótese de que algum deslizamento perturbe a imagem do grandioso projeto binacional, que está custando meio milhão de dólares, repassados por empresas e entidades brasileiras e americanas.

Os pesquisadores querem exorcizar o fantasma do colonialismo científico que



**Os pesquisadores\* da expedição (à esq.) e Theodore Roosevelt: meio milhão de dólares para avaliar o impacto da destruição na floresta**

em 1914 e é um marco na pesquisa científica da floresta tropical — 3 000 espécies de peixes e pássaros foram coletadas e classificadas. Desde a semana passada, a epopéia científica está sendo revivida por uma equipe de vinte pesquisadores brasileiros e americanos. A bordo de cinco barcos a remo e um caiaque, os aventureiros seguem a mesma trilha de Roosevelt e Rondon através das águas caudalosas do antigo Rio da Dúvida, rebatizado como Rio Roosevelt.

A nova expedição partiu na segunda-feira dia 2, quando os barcos a remo tomaram a nascente do Rio Roosevelt, na cidade de Vilhena, Rondônia. Os pesquisadores querem avaliar as alterações no meio ambiente da região que ocorreram

da viagem”, diz a ecologista americana Elisabeth McKnight, uma das líderes da expedição. “A parte científica vai ficar a cargo dos pesquisadores brasileiros.”

**ROYALTIES** — É verdade. Entre os treze membros do time americano, não há nenhum cientista. O bisneto de Roosevelt é antropólogo e está coordenando a pesquisa histórica da expedição. Os líde-

\* Da esq. para a dir., em pé: os fotógrafos Mark Greenberg e Carr Clifton, o antropólogo Tweed Roosevelt, o médico John Walden, o remador Jim Slade, os guias Mário Peixoto e Chip Haskell. Sentados: a guia Kelley Kalafatich, os ecologistas Elisabeth McKnight e Charles Haskell e o escritor Sam Moses.

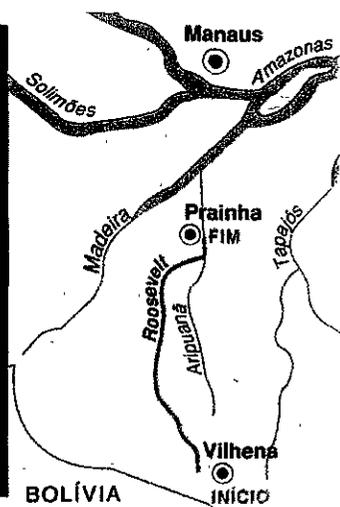
marcou a empreitada de Roosevelt e Rondon. Todas as espécies vegetais e animais recolhidas na Amazônia serão estudadas aqui no Brasil. Pegaria mesmo mal se os aventureiros carregassem os exemplares de pássaros e animais para o Museu Americano de História Natural, como fez Roosevelt em 1914. O dinheiro arrecadado no exterior com a venda de livros, vídeos e camisetas sobre a expedição será reinvestido em projetos ecológicos no Brasil. “Vamos aplicar o dinheiro na educação ambiental dos brasileiros”, garante Charles Haskell. Até os índios cinto-larga, cujo território vai ser atravessado pelos aventureiros, receberão royalties sobre as fotos de sua tribo que forem vendidas no exterior.

**EXTERMINIO DE CARAS-PÁLIDAS** — A parte científica da missão ficará a cargo de três pesquisadores brasileiros — todos do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Inpa. Eles é que vão compilar os dados sobre a devastação do meio ambiente da região. O especialista em fauna aquática Geraldo Mendes dos Santos irá coletar exemplares de peixes na esperança de encontrar alguma espécie ainda não catalogada. “Cerca de 40% dos peixes da Amazônia ainda permanecem desconhecidos e a maioria dessas espécies não estudadas se encontra nas nascentes dos rios”, diz Santos. Um farmacologista e um botânico irão estudar os alimentos e as plantas medicinais usados pelos indígenas. Como cautela não faz mal a ninguém, os pesquisadores contrataram como guias dois índios cinta-larga e um membro da Funai. Atribui-se à tribo o extermínio de treze caras-pálidas que invadiram seus domínios nos últimos dois anos.

Não é só nos objetivos que a nova expedição toma distância da original. Nem de longe os aventureiros vão passar pelas privações que Roosevelt e Rondon viveram em 1914. O ex-presidente americano teve malária e a expedição quase sucumbiu às corredeiras do Rio da Dúvida. Seus biografos creditam à viagem na Amazônia a morte precoce de Roosevelt, ocorrida em 1919. Ele saiu da selva um velho andrajoso, 25 quilos mais magro, resultado da luta contra seis surtos de malária. A nova expedição cruzará a floresta com a tecnologia na retaguarda. Para quebrar o isolamento inferno verde, eles contam com rádio de ondas curtas e um telefone móvel para se comunicar com o mundo exterior. Seus barcos infláveis de borracha são hiper-resistentes a furos e batidas. Perder-se no meio da mata vai ser uma tarefa quase impossível. No lugar da velha bússola, a expedição conta com um sistema de navegação monitorado por satélite. ■

## De volta à floresta

Vinte pesquisadores brasileiros e americanos repetem a expedição à Amazônia que o presidente americano Theodore Roosevelt e o Marechal Cândido Rondon fizeram em 1914. No mapa ao lado, a rota da viagem.



## Não era fraude

### Reabilitado o teórico da inteligência hereditária

A teoria segundo a qual o grau de inteligência das pessoas tem um forte componente hereditário ganhou um reforço surpreendente na semana passada. Num das mais espetaculares reviravoltas da história da ciência, a Sociedade Britânica de Psicologia divulgou uma nota reabilitando a obra do psicólogo Sir Cyril Burt, morto em 1971. Um dos mais influentes intelectuais de seu tempo, Burt criou os fundamentos da teoria da inteligência hereditária, ao mostrar que gêmeos idênticos educados por famílias diferentes desenvolviam um patamar de inteligência semelhante, independentemente de sua criação. Em 1976, cinco anos após a morte de Burt, sua pesquisa foi desacreditada quando se levantaram evidências de que ele forjava dados e citava auxiliares fictícios para corroborar suas teses. A Sociedade de Psicologia repudiou oficialmente a obra do cientista em 1980, diante do que se dizia ser “evidências esmagadoras de desonestidade”. Agora, vem a retratação. “Doze anos atrás, a sociedade assumiu que Burt era culpado de fraude. Nós não mais sustentamos essa opinião”, informou o comunicado distribuído pela entidade.

São dois os motivos da reviravolta. O primeiro é que a tese da hereditariedade da inteligência vem retomando fôlego nos meios acadêmicos. Cientistas da Universidade de Minnesota realizaram recentemente a mais exaustiva pesquisa sobre gêmeos idênticos criados em ambientes diferentes e chegaram a respostas precisas sobre essa questão. Segundo o estudo, o grau de influência da hereditariedade no desempenho em testes de QI chega a 72% — deixando para o esforço pessoal do indivíduo uma margem de progresso de 28%. O outro motivo da reviravolta foi a descoberta de que as duas assistentes citadas na maioria dos trabalhos de Burt são pessoas reais e ajudaram realmente o psicólogo a aplicar testes de QI nos gêmeos entre as décadas de 40 e 60.

Desde 1979, quando o historiador Leslie Hearnshaw publicou uma



Gêmeas: o peso dos genes

devastadora biografia de Burt, tinha-se como certo que essas assistentes existiam apenas nos artigos em que eram citadas pelo cientista. A importância dessas assistentes é enorme porque Burt atribuiu a elas a realização de boa parte do trabalho experimental que dava sustentação a sua tese. O problema é que ninguém, exceto Burt, parecia ter visto essas moças — o que reforçava a suspeita de que a pesquisa também era fictícia. “Nós agora sabemos quem elas são, onde estudavam e como colaboravam com Burt”, disse a VEJA o psicólogo Robert Joynson, autor de *O Caso Burt*, no qual apresenta o cientista como vítima de uma conspiração envolvendo jornalistas levianos, esquerdistas e rivais invejosos.

Burt era detestado pela esquerda por sustentar a origem hereditária da inteligência e por defender, com sucesso na época, um sistema de vestibular para a escola secundária baseado em testes de QI. Insistia em que o sistema educacional localizasse cedo as crianças mais bem-dotadas e investisse nelas os maiores recursos. As evidências de que as duas auxiliares de Burt existem mesmo afastam em parte o espectro da fraude. Sobre o trabalho dele pesam ainda algumas dúvidas. O psicólogo conseguiu reunir, em três pesquisas diferentes, resultados com números idênticos até a terceira casa decimal. Em trabalhos experimentais semelhantes nunca se obteve tal grau de coincidência, que pode ter sido fruto de anotações apressadas ou de resultados arredondados. Em dezembro, a Sociedade Britânica de Psicologia vai realizar um simpósio sobre Burt. Pelo menos uma conclusão se pode adiantar do simpósio: Burt chegou à conclusão correta, mesmo que tenha utilizado meios errados. ■